

wamoni



dossiê

Encarceramento e Interseccionalidade na temática prisional na Amazônia e no Nordeste

organização

Aline Ribeiro de Oliveira

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Entrevista

Artigo livre

Resenhas

Relato de
experiência

Ensaio visual

vol. 10

ed. 1

2025

ISSN

24468371

wamoi

Revista dos Alunos do Programa de
Pós-graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Amazonas



UFAM



FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas

VOLUME 10 | EDIÇÃO N.º 1 | ANO 2025

wamoi

Revista dos Alunos do Programa de
Pós-graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Amazonas

Equipe Editorial (2025)

Editores-chefe

Ozaías da Silva Rodrigues
Victoria Katarina Cardoso Lima
Leonardo Lucas Britto

Editores-executivos

Thamires Pessanha Angelo
Dione Coêlho de Souza
Melanie Theresia Peter
Rafaele Cristina de Souza Queiroz
Marcelo Meneses Schorno
Taynara Alves Lobato Munduruku
Felipe Magno Silva Pires
Izabel Maria Bezerra
Leonardo Lucas Britto
Rodolfo Almeida de Azevedo
Tiago Silva de Oliveira
Aline Ribeiro de Oliveira
Geovane Figueiredo da Silva
Ingrid da Costa Rodrigues

Dossiê Encarceramento e Interseccionalidade na temática prisional na Amazônia e no Nordeste Organização

Aline Ribeiro de Oliveira
Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

**Esta edição conta com financiamento da
FAPEAM por meio do POSGRAD 2024/2025**

Coordenadoras do Dossiê

Melanie Theresia Peter
Victoria Katarina Cardoso Lima

Fotos da Capa

Alonso Júnior

Diagramação

Dione Coêlho de Souza

Revisão

Equipe Editorial

Produção Editorial da Revista Eletrônica

Tito Fernandes

Projeto Gráfico

Luiz D. da Paz

Assessoria de Comunicação

Dione Coêlho de Souza
Victoria Katarina Cardoso Limanselho Editorial
Alfredo Wagner Berno de Almeida
(Universidade do Estado do Amazonas - UEA/
Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
Ana Carla dos Santos Bruno
(Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia
- INPA/ Universidade Federal do Amazonas -
UFAM)
Charles Hale
(Texas University)
Deise Lucy Oliveira Montardo
(Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
João Dal Poz Neto
(Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF)
João Pacheco de Oliveira Filho
(Museu Nacional - MN/Universidade Federal
do Rio de Janeiro - UFRJ)
José Exequiel Basini Rodrigues
(Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
José Guilherme C. Magnani
(Universidade de São Paulo - USP)

W243 Wamon - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. Manaus: Edua, 2025 – v.10 n.1; 30cm.

ISSN: 2446-8371

Semestral

1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Ciências Humanas.

(CDU 316.4(811.3))

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino
(Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
Márcio Silva
(Universidade de São Paulo - USP)
Thereza Cristina Cardoso Menezes
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- UFRRJ)

Lista de pareceristas da edição (2025.1)

Nominata de avaliadores/as do presente número da revista

Aline Beatriz Miranda da Silva (UnB)
Aline Ribeiro (UFAM)
Ana Paola Miyagusuku Miyasato (UBA)
Esmael Alves de Oliveira (UFGD)
Gabriel Karão Jaguaribaras (UFPA)
Israel Pinheiro Matos (UFAM)
João Roberto Bort Júnior (UNICAMP)
Julia Gabriela Leão Monteiro Universidade do
Estado do Pará (UEPA)
Karolline de Andrade Porto (UFAM)
Larissa Sarmento Penha (UEPA)
Levy Felix Ribeiro (UnB; UFAL)
Lourdes de Fátima Moraes de Sousa Saldanha
(UFAM)
Luan Homem Belomo (UFRGS)
Lucillany Carneiro de Sousa (UFAM)
Luena Matheus de Xerez - (SEMSA Manaus;
UFAM)
Manoel Nogueira Maia Neto (UFRN)
Marcelo Rodrigues Lopes (UFRRJ)
Marina de Barros Fonseca (Museu Nacional/
UFRJ)
Milena Weber (UFSC)
Nathalia S. Fonseca (UFPA)
Nayara Ferreira Costa (SEDUC/AM)
Paula Dantas (SEDUC/AM)
Raescla Ribeiro de Oliveira (SEMED Manaus;
UFAM)
Robério Gomes dos Santos (UNIVS)
Roselayne Castro (UFAM)
Rute Anacé (Fiocruz; SESAI/MS)
Silvia Katherine Pacheco Teixeira (UFAM)
Steffane Pereira Santos (UFMG)

SUMÁRIO

Editorial

|08

Melanie Theresia Peter

Victoria Katarina Cardoso Lima

DOSSIÊ ENCARCERAMENTO E INTERSECCIONALIDADE NA TEMÁTICA PRISIONAL NA AMAZÔNIA E NO NORDESTE

Apresentação

|19

Aline Ribeiro de Oliveira

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Agudização das agruras no cárcere: quando o estado penal é mais forte que os direitos humanos

|25

Roselayne Castro de Souza

“Batendo garrafa”: O direito à saúde no sistema prisional cearense sob enfoque de gênero

|49

Nikaelly Lopes de Freitas

Celecina de Maria Veras Sales

Corpos marcados, direitos negados: mulheres e o HIV/AIDS no sistema prisional

|77

Sthefane Monteiro Pereira

Roselayne Castro de Souza

Níveis de ansiedade e depressão em gestantes e lactantes privadas de liberdade: um estudo na unidade materno-infantil da UCRF/PA

|103

Vitória Gabriela da Silveira Barbosa

Celina Maria Colino Magalhães

Milena Nascimento da Silva

O poder do brincar: a brinquedoteca como instrumento de incentivo ao desenvolvimento diante do encarceramento feminino

|127

Milena Nascimento da Silva

Luanna Tomaz de Souza

Celina Maria Colino de Magalhães

“Autodefesa é crime?”: A face oculta do encarceramento de mulheres negras e indígenas vítimas de violência doméstica na região amazônica

|147

Ewilla Maria Paulain Pereira

Entre grades e normas: o encarceramento de mulheres em conflito com a lei e com a performatividade de gênero

|169

Nathália S. Fonseca

Leandro Rodrigues Lage



Bater de frente, com diálogo: Projeto e tática na demanda por direitos pelo PCC, em Pedrinhas |193
Lúcia Mendes Míguez

Entre a continuidade e a mudança: análise do sistema socioeducativo do Ceará às vésperas da renovação profissional (2025–2026) |217
Thiago Krubniki
Karlene da Silva Andrade

ENTREVISTA

“Etnografar as mobilizações”: Entrevista com Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares |249
Victoria Katarina Cardoso Lima
Marcilene dos Santos Pena

ARTIGO LIVRE

Retomada Gãh Ré: esforços para uma etnografia do particular |273
Eduarda Heineck Fernandes

RESENHAS

Trazando los senderos de la Tradición oral de un pueblo de Barlovento: “Cumbre, cumbe, Cumbo” de Flor Alba Cabrera Echenique. Caracas: Editorial el perro y la rana, 2024. 146 págs. |295
Dionys Cecilia Rivas Armas

RODRIGUES, Ozaias da Silva. A força dos que resistem e a sanha dos que atacam: um debate sobre racismo religioso, intolerância e religiões de matrizes africanas. 1. ed. São Paulo: Editora Meraki, 2023. 127 p. |305
Samantha Pereira Neves

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Na trilha da autonomia intelectual kaiowá |312
Celuniel Aquino Valiente

ENSAIO VISUAL

Cerol sem grade |329
Alonso Júnior



Editorial 2025.1**Melanie Theresia Peter¹****Victoria Katarina Cardoso Lima²**

Abordar o encarceramento na Amazônia e no Nordeste a partir de olhares plurais e de uma perspectiva interseccional, sensível a gênero, raça, classe, idade e território é, por si só, um gesto de coragem e cuidado. Não há como tratar temas sensíveis que envolvem processos brutais de desumanização, vulnerabilidade, sofrimento e, simultaneamente, de resistência e agência sem encarar múltiplos desafios.

No Dossiê Encarceramento e Interseccionalidade na temática prisional na Amazônia e no Nordeste que integra esta edição da revista Wamon, a prisão revela-se, ao mesmo tempo, um espaço de violências históricas e estruturais e um grito por mudanças. Mais do que simples pesquisas e análises sobre o sistema prisional, são textos que convidam a pensar profundamente sobre esses temas. Selecionamos textos que incitam a pensar, refletem mais do que pesquisas e análises sobre o sistema prisional. As produções abarcam olhares atentos à vulnerabilidade das mulheres, aos impactos do punitivismo de Estado, à falência do sistema prisional e à permanência de um ethos necropolítico que insiste em se manifestar de diversas maneiras. Olhares que também abarcam possibilidades e resistências, iniciativas que contribuem na reconstrução da dignidade no contexto prisional.

Fica evidente na leitura dos textos o aumento em ritmo vertiginoso (455% entre 2000 e

¹ Editora de resenhas e de relatos de experiências da Wamon, doutoranda e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). Integra o Colar - Laboratório de Antropologia da Vida, Ecologia e Política (UFAM). Email: melaniet.peter@gmail.com

² Editora-chefe da Wamon, doutoranda e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM), licenciada em História (UFAM). Integra o GESECS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades (UFAM). Email: victoria_katarina@hotmail.com

2016 segundo o Infopen) da população carcerária feminina. A condição dessas mulheres, sobretudo do jovens negras, mães solteiras, pobres, vítimas de violência doméstica e muitas vezes envolvidas em crimes relacionados a drogas como estratégia de sobrevivência, suscita perguntas que transbordam as instalações prisionais e evidenciam o controle dos corpos frequentemente adoecidos pela estigmatização e normatização institucional.

A saúde prisional feminina é um dos eixos centrais deste dossiê, assunto recorrente em diversos textos onde as mazelas nos corpos e na psique das presas são evidenciadas. Em “‘Batendo garrafa’: o direito à saúde no sistema prisional cearense sob enfoque de gênero”, Nikaelly Lopes de Freitas e Celecina de Maria Veras Sales buscam desconstruir o olhar patriarcal e abordar o impacto do cárcere no bem-estar físico e emocional das mulheres. As autoras aliam pesquisas bibliográficas e documentais à observação participante realizada no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa (IPFDAMC), e na Creche Amadeu Barros Leal (CABL), no estado do Ceará para denunciar as dificuldades encontradas quando se trata de atendimento médico ou acesso aos itens mais básicos de higiene menstrual. A negação de assistência é tão comum que quando uma presa necessita de atendimento com urgência, as outras internas batem garrafas plásticas nas grades ou no chão como método desesperado de salvar a vida de quem está em risco. Porém, como mostra o texto, o barulho, um sinal de desespero, pode ser encarado como desaforo e virar punição.

O tema da precariedade de acesso aos cuidados e serviços de saúde também é analisado por Sthefane Monteiro e Roselayne Castro de Souza no artigo “Corpos marcados, direitos negados: mulheres e o HIV/AIDS no sistema prisional”. As autoras combinam pesquisa bibliográfica e pesquisa documental propondo uma reflexão crítica das particularidades, estigmas e situação precária de mulheres vivendo com HIV/AIDS em ambientes de privação de liberdade. A análise revela que sem acesso aos cuidados médicos necessários ou condições de higiene adequadas, essas mulheres lidam, sobretudo, com o desprezo e a exclusão. “A mulher HIV positivo encarcerada é muitas

vezes percebida como duplamente descartável: por ser mulher, por ser pobre, por ter infringido a norma legal e, sobretudo, por carregar em seu corpo um marcador de risco social e biológico”, escrevem as autoras que também denunciam a urgência por mudanças.

Direitos reprodutivos e saúde mental de gestantes e lactantes que vivem isoladas de suas famílias e de seus afetos, submetidas à vivência da maternidade em meios às tensões e privações emocionais e sociais do cárcere é o tema central do estudo realizado com custodiadas na Unidade Materno-Infantil (UMI) da Unidade de Custódia e Reinserção Feminina (UCRF), localizadas no município de Ananindeua, no estado do Pará. Em “Níveis de ansiedade e depressão em gestantes e lactantes privadas de liberdade: um estudo na unidade materno-infantil da UCRF/PA”, Vitória Gabriela da Silveira Barbosa, Celina Maria Colino Magalhães e Milena Nascimento da Silva utilizam o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) e o Inventário de Depressão de Beck (BDI-II) para medir e entender a complexidade e a gravidade do sofrimento psíquico das mães. Sentimentos de culpa e tristeza misturam-se à resiliência e são atenuados pelo cuidado dedicado aos bebês. É importante ressaltar que as autoras destacam o projeto “Manutenção da Brinquedoteca Bebê Contente”, implantado na UMI, como um espaço importante para a humanização da experiência de maternar no cárcere.

O mesmo tema é discutido no estudo “O poder do brincar: a brinquedoteca como instrumento de incentivo ao desenvolvimento diante do encarceramento feminino”. Milena Nascimento da Silva, Luanna Tomaz de Souza e Celina Maria Colino de Magalhães desenvolvem uma pesquisa qualitativa na brinquedoteca de uma Unidade Materno Infantil (UMI), no estado do Pará. As internas e as autoras percebem o espaço de cuidado, ludicidade e humanização como instrumento de mitigação dos impactos do cárcere e melhoria do bem-estar das mães e dos bebês. Fica claro no texto como, ao mesmo tempo que favorece o desenvolvimento, expressão e aprendizagem das crianças, a brinquedoteca propicia o fortalecimento de vínculos fundamentais.

A vulnerabilidade feminina no cárcere também é abordada por Nathália Fonseca e Leandro Rodrigues Lage no texto “Entre grades e normas: o encarceramento de mulheres em conflito com a lei e com a performatividade de gênero”. A partir das significações evidenciados nas falas de mulheres egressas de um Centro de Reeducação Feminino, localizado na região metropolitana de Belém, e de um olhar analítico que entrelaça as teorias de Judith Butler acerca das normas regulatórias de gênero aos postulados de Aníbal Quijano acerca da colonialidade do poder masculino, a dupla explora o conceito de violência ética e dissecos os dispositivos de controle traduzidos em marcadores que define quais mulheres têm sua humanidade ou feminilidade reconhecida dentro das normas historicamente construídas e reiteradas. Com foco no entrelaçamento das formas de opressão, o texto ressalta a percepção das próprias mulheres que subverteram o ideal socialmente imposto de feminilidade ao cometerem crimes. As autoras ressaltam que “essas mulheres se veem, assim, em uma dupla condição de vulnerabilidade: por um lado, estão em desacordo com a lei; por outro, não correspondem à inteligibilidade de gênero atribuída à categoria ‘feminino’, historicamente construída e imposta”.

A seletividade do sistema penal e o emaranhamento de questões jurídicas com questões sociais fica evidente no artigo de Ewilla Maria Paulain Pereira “‘Autodefesa é crime?’: a face oculta do encarceramento de mulheres negras e indígenas vítimas de violência doméstica na região amazônica”. O texto convida a pensar sobre como são tratadas as mulheres negras e indígenas que, após longos ciclos de violência doméstica, recusam-se a continuar seguindo o roteiro de obediência esperado. Elas então deparam-se com um sistema penal que não entende nem acolhe, pune. A reflexão proposta pela autora denota que essas mulheres acabam julgadas não só por suas ações, mas por desafiarem o lugar socialmente imposto. Porém, como enfatiza Ewilla, mais que denúncia, o texto ilumina a potência política desses gestos de autodefesa, afirmando que existir e reagir também são formas de justiça. “Cada mulher que sobreviveu, que gritou, que revidou, mesmo que

agora esteja encarcerada, rompeu o ciclo imposto da obediência e do silêncio. E essa ruptura, ainda que punida pelo Estado, é também um gesto político. É a insubmissão convertida em grito. É a dor transformada em reação. É o corpo subalternizado que se recusa a morrer”, reforça a autora.

O artigo “Bater de frente, com diálogo: projeto e tática na demanda por direitos pelo PCC, em Pedrinhas” demonstra que, em outro contexto prisional, detentos masculinos também elaboram estratégias coletivas de resistência e reivindicação de direitos. O resultado do potente trabalho etnográfico de Lúcia Mendes Miguez, realizado em parceria com sua co-orientadora, Karina Biondi, na Unidade 3 do Complexo Penitenciário de São Luís - pavilhão conhecido como “Pedrinhas”, onde opera a lógica do Primeiro Comando da Capital (PCC). A pesquisa das antropólogas revelou que, ao contrário dos boatos de que os presos “se recusavam a trabalhar”, o trabalho era reivindicado por eles como um direito não efetivado. A partir das vozes dos entrevistados emergem críticas quanto à “ressocialização” prometida pelo Estado, mas ofuscada pelo sistema prisional que se revela, em suas vidas e corpos, como sofrimento, falta e violência. Frente às inúmeras opressões cotidianas, que se expressam tanto pela ausência (de água potável, atendimento médico, banho de sol) quanto pela presença (de bombas, balas, provocações), os presos elaboram uma forma singular de ação política para demandar seus direitos: o diálogo. Assim, os “irmãos e companheiros” do PCC transformam a própria prisão em campo de disputa simbólica e prática, onde a luta por direitos e dignidade se faz na dobra entre confronto e diálogo.

As tensões entre heranças coloniais indelévels e transformações necessárias aparecem no estudo “Entre a continuidade e a mudança: análise do sistema socioeducativo do Ceará às vésperas da renovação profissional (2025-2026)”. Thiago Krubniki e Karlene Andrade partem de documentos e notas etnográficas para analisar o momento presente (meados de 2025) período que se segue ao primeiro concurso público unificado para socioeducadores/as e analistas do estado, promovido pela Superintendência do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo (SEAS), e antecede

a posse dos novos profissionais. Os autores examinam as dinâmicas de continuidade e potencial transformação a partir da abordagem morfogenética de Margaret Archer e do trabalho de campo realizado em Fortaleza, sobretudo na Unidade de Recepção Luís Barros Montenegro (URLBM). Segundo os autores, as estruturas formais, atravessadas por desigualdades históricas e pela cultura punitiva preexistente tendem a condicionar a ação dos novos profissionais. Mas, os desafios também revelam as fissuras, espaços de morfogênese onde a agência coletiva pode trilhar caminhos rumo a novas práticas possíveis, revelando que a mudança exige coragem, inteligência e articulação.

Por fim, o artigo “Agudização das agruras no cárcere: quando o Estado penal é mais forte que os direitos humanos”, propõe uma análise profunda em torno da criminalização da pobreza como estratégia de controle social. Ilustrando o texto com dados do Relatório de Inspeções das Unidades Prisionais do Amazonas (CNJ, 2023) Roselayne Castro de Souza busca compreender como a prisão, longe de ser um espaço de ressocialização, reforça desigualdades estruturais, perpetua estigmas históricos e mantém a marginalização de grupos já oprimidos dentro de uma lógica marcada por continuidades coloniais. A partir de uma perspectiva abolicionista a autora esmiúça questões como a violência institucional e a dignidade humana. Os limites de um sistema sustentado na precarização e na desumanização ficam evidentes. Como destaca Roselayne, há uma “urgência de reimaginar alternativas à prisão, reafirmando que o cárcere, longe de ressocializar, aprofunda a exclusão e revela o fracasso de um modelo punitivista”. O texto destaca o papel das famílias como sujeitos impactados e, ao mesmo tempo, resistentes, evidenciando a necessidade de uma mudança paradigmática. A perspectiva abolicionista que orienta este trabalho não se limita à crítica, mas convida a imaginar futuros em que as prisões não sejam mais apresentadas como solução, mas sim como um lembrete do fracasso de um sistema que precisa ser urgentemente reimaginado.

Acreditamos que este Dossiê, organizado por Aline Ribeiro e Márcia Calderipe, reúne con-

tribuições importantes para uma análise reflexiva sobre o complexo tema do encarceramento na Amazônia e no Nordeste. Nos incita a repensar e reimaginar o mundo contemporâneo onde fazer ciência social engajada e denunciar abusos é tão urgente quanto potencializar iniciativas onde a dignidade ainda pode ser encontrada.

Como complemento e contraponto ao dossiê temático, trazemos o ensaio visual “Cerol Sem Grade”, do fotógrafo, artista e pesquisador manauara Alonso Júnior. Ao capturar imagens de vizinhos e amigos, o artista constrói, a partir de dentro, uma cartografia afetiva, onde o ato de soltar papagaio vira gesto de resistência simbólica. A quebrada rodopia nas cores vibrantes das pipas indomáveis fotografadas por Alonso, revelando narrativas que escapam aos discursos dentro dos quais a periferia é inevitavelmente lugar de violência e de dor. Linhas esticadas no lugar dos estigmas transformam-se em metáfora dos corpos que apesar de aprisionados por narrativas dominantes, insistem em voar.

Além dos nove artigos temáticos que compõem o dossiê e do Ensaio Visual, esta edição da Revista Wamon conta ainda com um artigo livre, um relato de experiência, uma entrevista e duas resenhas. No artigo “Retomada Gãh Ré: esforços para uma etnografia do particular”, Eduarda Heineck Fernandes narra o processo de retomada dos indígenas Kaingang e Xokleng no Morro Santana, zona leste de Porto Alegre, um dos poucos lugares da capital gaúcha onde a mata nativa ainda é encontrada. Engajada junto aos indígenas, a pesquisadora analisa a luta pela recuperação do território ancestral ameaçado pela especulação imobiliária e traça críticas à representação e à autoridade etnográfica. Em sua experimentação rumo a uma etnografia do particular, Eduarda também reflete sobre justiça epistêmica, sobre os aportes das epistemologias feministas e decoloniais e sobre abordagens mais-que-humanas, explorando como as relações dos Kaingang com a terra e com seres não humanos estruturam sua resistência.

Já no relato de experiência “Na trilha da autonomia intelectual Kaiowá”, Celuniel Aquino

Valiente nos apresenta uma reflexão que foge do formato tradicional, optando por uma escrita contínua e oralizada, próxima do modo como os anciãos transmitem seus saberes. O autor analisa o conhecimento Kaiowá e denuncia sua desvalorização por instituições não indígenas, defendendo a necessidade de indigenizar a pesquisa e fortalecer a autonomia intelectual como instrumento de resistência colonial. A partir de sua trajetória acadêmica e da escuta dos mais velhos, o texto constitui um exercício contracolonial e reivindica o reconhecimento dos saberes Kaiowá.

Ambas as produções, embora situadas em contextos distintos, convergem ao evidenciar a importância vital dos conhecimentos indígenas, seja na luta pela terra e pela justiça epistêmica, seja na defesa de modos próprios de produzir e transmitir saberes. Ao valorizarem essas epistemologias, reafirmam que não se trata apenas de resistência frente à colonialidade, mas também de abrir caminhos para imaginar futuros plurais, onde diferentes formas de existir e conhecer tenham lugar legítimo na academia e na sociedade.

Publicamos também “Etnografar as mobilizações”, entrevista que integra uma proposta editorial da Wamon que vem reunindo conversas com docentes do próprio Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). Conduzida por Victoria Katarina Cardoso Lima e Marcilene dos Santos Pena onde Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares, professor do Departamento de Antropologia e do PPGAS/UFAM, compartilha sua trajetória de formação como antropólogo na Amazônia desde os passeios e conversas com o avô, que o levava para passeios sem destino definido, narrando memórias e experiências de Belém, até o ensino e orientação em Manaus. Pedro valoriza o espaço acadêmico da universidade como laboratório criativo e inclusivo, também destaca a diversidade e riqueza da Amazônia urbana, a importância do diálogo com pares regionais e de valorizar e ocupar a universidade como espaço de pesquisa, memória e resistência. O professor também discute o papel da antropologia em contextos de conflito social, ressaltando a etnografia de mobilizações e a participação em movimentos

sociais, como a Frente dos Moradores Prejudicados da Bacia do Una e o Fórum das Águas do Amazonas. Com essa entrevista, buscamos reforçar a importância de conhecer os caminhos de formação e atuação de quem faz Antropologia desde a Amazônia, contribuindo para ampliar os horizontes de escuta e reconhecimento mútuo entre aquelas e aqueles que constroem cotidianamente o campo antropológico na região.

Por fim, na seção de resenhas, Dionys Cecilia Rivas Armas apresenta aos leitores o livro “Cumbre, Cumbe, Cumbo: Tradición oral de un pueblo de Barlovento”, de autoria da antropóloga Flor Alba Cabrera Echenique. A obra, publicada em 2024 pela editora venezuelana El Perro y La Rana, deriva da sua tese de doutorado e da sua conexão afetiva com o território. Na sua pesquisa a antropologia e a história são postas em diálogo a partir de uma perspectiva pluriétnica e multidisciplinar onde a história oral, a etnografia e a investigação documental narram a construção da identidade afro-venezuelana na região de Barlovento, sobretudo no povoado de Cumbo, fundado por negros “cimarrones” - aqueles que escaparam de seus opressores.

Na mesma seção, Samantha Pereira Neves resenha o livro “A força dos que resistem e a sanha dos que atacam”, de Ozaías da Silva Rodrigues. Resultado de sua dissertação de mestrado em Antropologia, a obra analisa casos de racismo religioso e intolerância contra candomblecistas em Fortaleza e região metropolitana, explorando as violências sofridas e as estratégias de resistência das comunidades de terreiro. Estruturado em quatro capítulos, o livro articula teoria, pesquisa de campo e vivências do autor, problematizando conceitos como intolerância e racismo religioso e evidenciando o caráter estrutural e político das agressões às religiões de matriz africana. Ao propor o conceito de corpo macumbeiro e discutir a relação entre identidade religiosa e identidade étnica, Rodrigues contribui para o aprofundamento do debate sobre racismo religioso no Brasil.

Assim, tanto a obra de Cabrera Echenique quanto a de Rodrigues destacam a força de comunidades afrodescendentes na luta contra o apagamento histórico e a violência estrutural, reafir-

mando a centralidade dos saberes orais, religiosos e culturais na construção da memória coletiva e na resistência cotidiana.

Esta edição carrega ainda uma marca singular, a autoria que a atravessa é majoritariamente feminina. As pesquisadoras que compõem o dossiê, suas organizadoras e coordenadoras, assim como as autoras das demais seções, revelam um processo de produção intelectual feminista, construído no entrelaçamento de rigor acadêmico, sensibilidade e compromisso político. Refletir sobre o encarceramento na Amazônia e no Nordeste a partir de perspectivas interseccionais é também afirmar a potência crítica das mulheres que escrevem, pesquisam e resistem. Assim, esta edição se apresenta como gesto coletivo de cuidado e coragem, preparada com atenção minuciosa para que circule no mundo como contribuição crítica e engajada, dada a urgência dos temas que mobiliza. Que vá ao mundo como semente de resistência, diálogo e transformação.